

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 736

**A INSERÇÃO DAS EXPORTAÇÕES
BRASILEIRAS: ANÁLISE SETORIAL NO
PERÍODO 1980/96***

Maria Helena Horta**
Carlos Frederico Braz de Souza**

Rio de Janeiro, junho de 2000

* Este trabalho compreende a primeira etapa de um estudo que, em um segundo estágio, procura identificar e quantificar os fatores mais intimamente relacionados às perdas e aos ganhos de competitividade das exportações brasileiras, observados em determinados períodos, setores e mercados.

** Da Diretoria de Estudos Macroeconômicos do IPEA.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO

Martus Tavares - Ministro

Guilherme Dias - Secretário Executivo



Presidente

Roberto Borges Martins

DIRETORIA

Eustáquio José Reis

Gustavo Maia Gomes

Hubimaier Cantuária Santiago

Luís Fernando Tironi

Murilo Lôbo

Ricardo Paes de Barros

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o IPEA fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais e disponibiliza, para a sociedade, elementos necessários ao conhecimento e à solução dos problemas econômicos e sociais do país. Inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro são formulados a partir de estudos e pesquisas realizados pelas equipes de especialistas do IPEA.

Texto para Discussão tem o objetivo de divulgar resultados de estudos desenvolvidos direta ou indiretamente pelo IPEA, bem como trabalhos considerados de relevância para disseminação pelo Instituto, para informar profissionais especializados e colher sugestões.

Tiragem: 103 exemplares

SERVIÇO EDITORIAL

Supervisão Editorial: Nelson Cruz

Revisão: André Pinheiro, Elisabete de Carvalho Soares, Isabel Virginia de Alencar Pires, Lucia Duarte Moreira, Luiz Carlos Palhares e Miriam Nunes da Fonseca

Editoração: Carlos Henrique Santos Vianna, Juliana Ribeiro Eustáquio (estagiária), Rafael Luzente de Lima e Roberto das Chagas Campos

Divulgação: Libanete de Souza Rodrigues e Raul José Cordeiro Lemos

Reprodução Gráfica: Edson Soares e Cláudio de Souza

Rio de Janeiro - RJ

Av. Presidente Antonio Carlos, 51 — 14º andar - CEP 20020-010

Telefax: (21) 220-5533

E-mail: editrj@ipea.gov.br

Brasília - DF

SBS. Q. 1, Bl. J, Ed. BNDES — 10º andar - CEP 70076-900

Telefax: (61) 315-5314

E-mail: editsbs@ipea.gov.br

Home page: <http://www.ipea.gov.br>

© IPEA, 2000

É permitida a reprodução deste texto, desde que obrigatoriamente citada a fonte.

Reproduções para fins comerciais são rigorosamente proibidas.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1 - INTRODUÇÃO	1
2 - O COMÉRCIO BRASILEIRO ENTRE 1980 E 1996	3
3 - A INSERÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE PRODUTOS MANUFATURADOS NO COMÉRCIO MUNDIAL E POR BLOCOS DE PAÍSES	18
3.1 - Mundo.....	21
3.2 - O Desempenho das Exportações Brasileiras por Bloco de Países.....	25
4 - CONCLUSÕES.....	30
BIBLIOGRAFIA	33

RESUMO

Este trabalho procura avaliar a evolução das exportações brasileiras entre 1980 e 1996. A capacidade de inserção dos produtos brasileiros, desagregados em 19 setores industriais, em 10 mercados-destinos é comparada em três subperíodos (1980/84, 1984/90 e 1990/96), tendo-se como referências os setores em que o país detinha vantagens comparativas reveladas (VCR) e o ritmo das importações setoriais totais de cada mercado. O texto procura demonstrar que existe uma reduzida capacidade de orientação das exportações do Brasil aos nichos de produtos e mercados mais aquecidos do comércio mundial, bem como que os maiores ganhos de mercado observados concentraram-se em setores efetivamente de baixo dinamismo, nos quais o país tradicionalmente detém VCR.

ABSTRACT

In this paper the authors evaluate the evolution of Brazilian exports from 1980 throughout 1996. The performance of the Brazilian products, disaggregated by 19 industrial sectors and 10 market-destinations, is compared in three sub-periods (1980/84, 1984/90 and 1990/96), using as benchmark the sectors in which the country displayed revealed comparative advantages (VCR), as well as the rate of growth of the total sectoral imports of each market. The paper points out Brazil's reduced capacity to direct its exports to the most dynamic international markets, and shows that the largest market-share gains for Brazil were concentrated in slow growth markets and sectors, in which the country has well-established VCR.

1 - INTRODUÇÃO

A economia brasileira passou por significativas transformações e desequilíbrios nos últimos 20 anos. Ao longo desse período, o setor externo e a política cambial desempenharam diversos papéis no que se refere às pressões e à evolução das contas do balanço de pagamentos e aos esforços de estabilização da economia.

No início dos anos 80, ante as crises do petróleo e da dívida externa, foi conferida grande ênfase ao desempenho das exportações (e restrição às importações), com vistas à geração de superávits comerciais para o financiamento do balanço de pagamentos. Na segunda metade da década, uma vez aprofundado o processo inflacionário que durou até 1994, a *performance* do setor externo da economia mostrou-se de certa forma subordinada aos desdobramentos dos sucessivos planos de estabilização implementados no Governo Sarney. A partir de 1990, com o aprofundamento da abertura comercial e a criação do Mercosul, o setor externo da economia volta a desempenhar um papel ativo na política econômica, cuja ênfase passa a ser aumentar substancialmente a exposição do país aos produtos importados, tendo como objetivos incrementar a competitividade e produtividade da produção doméstica e, mais importante, reduzir, por meio de mecanismos de arbitragem, as pressões inflacionárias vigentes ou latentes.

Mais recentemente, devido aos riscos de ocorrência de uma crise cambial — em face da expressiva vulnerabilidade da economia aos fluxos internacionais de capitais e dos volumosos déficits em conta corrente acumulados nos últimos anos —, tem sido novamente enfatizada a importância de se incrementar o desempenho das exportações brasileiras, particularmente quando se tem em conta a adoção do regime de câmbio flutuante no início de 1999.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar o desempenho das exportações brasileiras — particularmente de produtos industrializados —, ao longo das duas últimas décadas, com vistas a identificar e caracterizar a capacidade de inserção dos produtos brasileiros nos mais importantes mercados mundiais, classificados setorialmente em momentos e períodos preestabelecidos.

Assim, a partir da base de dados *Comptes Harmonisés sur les Echanges et l'Economie Mondiale* (Chelem — versão 1998)¹ foram definidas e construídas informações para:

- dezenove setores ou agregados de produtos (três de produtos básicos e 16 de produtos industrializados);
- dez mercados (países ou agregados de países), além do próprio Brasil e do total mundial; e
- três períodos de tempo, para os quais a análise se dará ao longo de cada um e/ou comparativamente entre as suas médias ou seus extremos.

¹ Base de dados de comércio bilateral de bens em CD-ROM elaborada pela Centre d'Études Prospectives et d'Informations Internationales (Cepii), da França.

A agregação de setores e produtos a ser utilizada procurou manter correspondência com a “itemização” normalmente utilizada nos dados de matriz insumo-produto, gêneros da indústria e índices industriais de preços, já com vistas às etapas posteriores do trabalho. A partir de uma análise preliminar das informações de comércio, elencaram-se os seguintes setores:²

- Produtos Básicos (b)
 - Agropecuária = (AGP)
 - Extrativa Mineral = (EXM)
 - Oleaginosos = (OLE)

- Produtos Industrializados (i)
 - Minerais Não-Metálicos = (MNM)
 - Siderúrgicos = (SID)
 - Metalurgia de Não-Ferrosos = (MNF)
 - Mecânica = (MAQ)
 - Eletroeletrônicos = (ELT)
 - Material de Transportes = (TRA)
 - Madeira e Mobiliário = (MAD)
 - Papel e Celulose = (PAP)
 - Borracha = (BOR)
 - Químicos = (QUI)
 - Petroquímicos = (REF)
 - Farmacêuticos = (FAR)
 - Têxteis = (TXT)
 - Alimentos = (ALI)
 - Abates e Carnes = (ABA)
 - Produtos Diversos = (DIV)

Os países e regiões definidos como os principais mercados para as exportações brasileiras foram: Nafta (Estados Unidos, Canadá e México); Europa Ocidental (os 15 países da União Européia, mais a Suíça e a Noruega); Japão; Argentina; Andinos (Chile, Colômbia, Venezuela, Equador e Peru); demais países da América Latina; Leste Europeu/CEI; NICS Asiáticos (Hong Kong, Taiwan, Cingapura e Coreia do Sul); Emergentes Asiáticos (China, Índia, Indonésia, Malásia, Tailândia e Filipinas); e resto do mundo. Os três períodos definidos foram 1980/84, 1984/90 e 1990/96, representando, de maneira geral, momentos específicos da orientação da política comercial e da conjuntura econômica interna brasileira.

Nesse contexto, elaborou-se uma base de dados para as exportações brasileiras, por setor, em cada ano e para cada um dos mercados selecionados, e para as exportações mundiais setoriais em cada ano e para cada um dos mercados, isto é, as importações setoriais totais de cada país e região.

² Optou-se por excluir os dados referentes ao comércio internacional de petróleo, em virtude das fortes oscilações de preços ocorridas no período e da elevada significância que o produto desempenha nas exportações e importações de alguns dos mercados, fenômenos que poderiam implicar distorções nos resultados.

Ao longo de cada um dos três subperíodos, estimaram-se: *a*) as taxas médias de crescimento³ de cada um desses fluxos; *b*) a evolução anual da composição das respectivas pautas das exportações brasileiras e mundiais para cada mercado (pauta total e de produtos industrializados); *c*) a composição geográfica das exportações brasileiras e mundiais de cada um dos setores; e, por fim, *d*) a participação das exportações brasileiras (*market-share*) nas importações de cada mercado, também por setor.

A análise comparativa desse conjunto de estimativas (por períodos, setores e mercados) permitirá identificar os fluxos de comércio (exportações brasileiras e importações regionais) que em determinados momentos apresentaram maior ou menor dinamismo, implicando uma melhor qualificação dos eventuais ganhos e perdas de *market-share* do Brasil verificados em cada subperíodo e da capacidade de inserção da oferta brasileira ante as vicissitudes da demanda dos mercados, tendo em conta os graus de concentração e especialização das respectivas pautas de comércio.

O que se procurará demonstrar neste trabalho é que o desempenho comercial das exportações brasileiras (em termos dinâmicos e de capacidade de inserção nos mercados) apresentou-se fortemente condicionado à existência de vantagens comparativas e à inconstante capacidade de identificar e orientar-se para setores e mercados que em determinados períodos mostraram ritmos mais aquecidos nas suas importações.

Em etapas posteriores deste estudo serão construídos indicadores setoriais de competitividade, mormente relacionados a preços relativos, ao custo relativo da mão-de-obra e à evolução das demandas doméstica e externas, que serão cotejados eminentemente com indicadores de desempenho das exportações brasileiras setoriais, referentes à capacidade de inserção dos produtos do país nos diversos mercados, ao longo dos últimos anos.

2 - O COMÉRCIO BRASILEIRO ENTRE 1980 E 1996

Entre 1980 e 1996, as exportações brasileiras expandiram-se a uma taxa média (exponencial) de 5,5% a.a. Se considerarmos a periodização sugerida para este trabalho, é possível observar um nítido movimento de aceleração nesse desempenho. Após terem crescido, em média, 4,9% a.a. entre 1980 e 1984, as exportações totais do Brasil registraram taxas de 5,7% a.a. em 1984 e 1990 e 7,3% a.a. no período 1990/96.

Esse desempenho, no entanto, não se deu de forma homogênea quando se consideram as exportações “setorializadas”. De fato, ao longo de todo o período, a participação dos produtos industrializados na pauta das exportações brasileiras apresentou um incremento médio de aproximadamente 1% a.a., elevando-se de 58,7% em 1980 para 74,1% no final do período (ver Tabela 1). A acentuada perda

³ Taxas de crescimento exponencial. Trata-se da inclinação da “linha de tendência” que passa por entre os dados “logaritmizados”.

de importância dos produtos básicos na composição da pauta deu-se de forma praticamente contínua ao longo dos anos analisados. Apenas os setores *extrativo mineral* (entre 1984 e 1990) e de *oleaginosos* (entre 1990 e 1996) experimentaram algum dinamismo — isto é, registraram expansão das exportações acima da taxa média total — relativamente aos demais setores. Ademais, dentre os setores que compõem o conjunto dos produtos manufaturados, observou-se um nítido processo de desconcentração da pauta, com as indústrias de *alimentos* e *petroquímica* (sobretudo a partir de 1984) reduzindo substancialmente a sua importância em benefício das demais (particularmente *siderúrgicos* e *metalurgia de não-ferrosos*). Esse processo pode ainda ser melhor ilustrado pela evolução continuamente decrescente do índice de concentração da pauta, calculado a partir da participação de cada um dos 16 setores no total das exportações de produtos industrializados.⁴

Tabela 1

Composição da Pauta das Exportações Brasileiras: Produtos Básicos e Industrializados

(Em %)

	1980	Média 1980/84	1984	Média 1984/90	1990	Média 1990/96	1996
Agropecuária	19,8	16,2	15,1	13,4	10,8	10,1	9,5
Extrativa Mineral	10,9	9,6	8,2	8,9	10,9	8,9	8,3
Oleaginosos	10,5	11,4	9,7	8,2	7,7	7,0	8,1
Básicos	41,3	37,2	33,0	30,5	29,3	25,9	25,9
Minerais Não-Metálicos	0,7	0,6	0,5	0,7	0,8	1,0	1,1
Siderúrgicos	4,1	5,6	7,8	9,7	10,9	10,0	9,1
Metalurgia de Não-Ferrosos	1,8	2,5	3,6	4,6	5,5	5,4	4,9
Mecânica	4,6	3,7	2,7	3,6	4,3	5,0	5,2
Eletroeletrônicos	4,2	4,2	4,1	4,4	3,8	4,2	4,4
Material de Transportes	8,7	8,5	6,8	9,4	9,1	10,7	10,5
Madeira e Mobiliário	1,5	1,3	1,2	1,6	1,8	2,4	2,5
Papel e Celulose	3,0	2,7	2,7	3,1	3,7	4,4	4,6
Borracha	0,6	0,6	0,8	0,9	1,0	1,3	1,3
Químicos	1,5	2,1	2,8	2,8	2,9	3,1	3,5
Petroquímicos	3,5	7,0	9,6	6,4	4,5	4,1	3,9
Farmacêuticos	0,9	0,8	0,7	0,8	0,8	1,1	1,3
Têxteis	6,1	6,8	8,2	7,8	8,3	7,8	6,9
Alimentos	13,4	11,4	10,5	8,9	8,6	8,0	9,9
Abates e Carnes	3,1	4,0	3,9	3,5	3,1	3,6	3,3
Produtos Diversos	1,1	1,0	1,1	1,3	1,8	1,9	1,9
Industrializados	58,7	62,8	67,0	69,5	70,7	74,1	74,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Chelem.

⁴ Utilizou-se aqui como índice de concentração a relação entre o desvio-padrão e a média das participações de cada setor no total das exportações de industrializados, que, para 16 setores, varia entre zero e quatro (quando apenas uma indústria responderia por 100% das exportações do período).

É interessante notar a falta de regularidade no que se refere ao desempenho setorial das exportações brasileiras de produtos industrializados ao longo dos períodos em análise (Tabela 2). Relativamente ao total das exportações de industrializados, apenas um setor (*borracha*), dentre 16, elevou a sua participação na pauta em todos os três subperíodos. Dois setores (*siderurgia* e *metalurgia de não-ferrosos*) expandiram sua importância em 1980/84 e 1984/90, mas sofreram perda de dinamismo a partir de 1990. Um setor (*químicos*) expandiu-se dinamicamente em 1980/84, perdeu participação entre 1984 e 1990, mas voltou a incrementar sua importância entre 1990 e 1996, enquanto outros três (*petroquímicos*, *têxteis* e *abates e carnes*) só se mostraram dinâmicos no princípio da década passada.

Tabela 2

Composição da Pauta das Exportações Brasileiras: Produtos Industrializados
(Em %)

	1980	Média 1980/84	1984	Média 1984/90	1990	Média 1990/96	1996
Mecânica	7,8	5,9	4,0	5,2	6,0	6,7	7,0
Eletroeletrônicos	7,1	6,6	6,1	6,3	5,4	5,7	5,9
Material de Transportes	14,8	13,6	10,1	13,5	12,8	14,5	14,1
Químicos	2,5	3,3	4,2	4,0	4,1	4,2	4,7
Petroquímicos	5,9	11,2	14,3	9,1	6,4	5,5	5,2
Farmacêuticos	1,5	1,2	1,1	1,2	1,1	1,4	1,8
Produtos Diversos	1,9	1,7	1,7	1,9	2,5	2,5	2,6
Capital e Tecnologia	39,6	41,8	39,8	39,3	35,8	38,0	38,7
Madeira e Mobiliário	2,5	2,1	1,9	2,2	2,5	3,2	3,4
Papel e Celulose	5,0	4,3	4,1	4,5	5,3	5,9	6,2
Têxteis	10,4	10,8	12,2	11,3	11,8	10,6	9,3
Trabalho	17,9	17,2	18,2	18,0	19,6	19,7	18,9
Minerais Não-Metálicos	1,3	1,0	0,8	1,0	1,1	1,4	1,5
Siderúrgicos	6,9	8,9	11,7	13,9	15,4	13,5	12,3
Metalurgia de Não-Ferrosos	3,1	3,9	5,4	6,6	7,8	7,3	6,6
Borracha	1,0	0,9	1,2	1,3	1,4	1,7	1,7
Alimentos	22,8	18,2	15,6	12,8	12,1	10,8	13,3
Abates e Carnes	5,3	6,5	5,8	5,0	4,3	4,9	4,5
Recursos Naturais	40,4	39,4	40,5	40,6	42,1	39,6	39,9
Total (Industrializados)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Índice de Concentração	0,926	0,813	0,793	0,728	0,727	0,666	0,653

Fonte: Chelem.

Por outro lado, dos setores que entre 1984 e 1990 apresentaram pela primeira vez crescimento acima da média da indústria, cinco (*minerais não-metálicos*, *mecânica*, *material de transportes*, *madeira e mobiliário* e *papel e celulose*) mantiveram esse dinamismo a partir de 1990 e um (*produtos diversos*) não. Por fim, três setores (*eletroeletrônicos*, *farmacêuticos* e *alimentos*) mostraram-se dinâmicos apenas entre 1990 e 1996.

Conforme já assinalado, e a despeito da crescente importância que os produtos industrializados vêm assumindo na pauta brasileira nos últimos anos, a participação dos produtos básicos nas exportações do Brasil ainda se apresenta bastante elevada quando comparada à estrutura setorial média do comércio mundial. Se, por um lado, a tendência de redução da participação dos setores de produtos básicos nas pautas de importação também se apresenta, de maneira geral, evidente em todos os mercados selecionados, por outro, essa participação tem-se mantido de quatro a cinco vezes inferior à observada na pauta das exportações brasileiras, ao longo de todo o período analisado (Tabela 3).

Tabela 3

Composição da Pauta (Produtos Básicos e Industrializados): Exportações Brasileiras, Comércio Mundial e Importações Regionais

(Em %)

	1980	Média 1980/84	1984	Média 1984/90	1990	Média 1990/96	1996
Produtos Básicos							
Exportações Brasileiras	41,3	37,2	33,0	30,5	29,3	25,9	25,9
Comércio Mundial	8,6	8,2	7,9	6,6	5,8	5,5	5,1
Importações							
Nafta	6,8	5,5	4,7	3,7	3,5	3,2	3,1
Europa Ocidental	9,3	9,5	9,4	7,4	6,2	6,4	6,2
Japão	19,3	17,2	15,5	12,0	9,8	8,6	7,2
Argentina	3,9	4,2	4,5	4,7	4,7	3,3	3,1
Andinos	4,7	6,0	8,1	5,8	4,6	4,7	5,0
Demais Países da América Latina	6,0	6,0	5,7	5,3	4,8	4,6	4,6
Leste Europeu/CEI	8,3	8,3	8,4	8,6	8,4	7,0	6,2
NICS Asiáticos	6,1	5,9	6,0	4,9	4,3	3,5	3,2
Emergentes Asiáticos	5,6	5,4	5,4	4,9	4,4	4,1	4,5
Resto do Mundo	7,6	7,3	8,3	7,4	6,5	6,1	5,4
Produtos Industrializados							
Exportações Brasileiras	58,7	62,8	67,0	69,5	70,7	74,1	74,1
Comércio Mundial	91,4	91,8	92,1	93,4	94,2	94,5	94,9
Importações							
Nafta	93,2	94,5	95,3	96,3	96,5	96,8	96,9
Europa Ocidental	90,7	90,5	90,6	92,6	93,8	93,6	93,8
Japão	80,7	82,8	84,5	88,0	90,2	91,4	92,8
Argentina	96,1	95,8	95,5	95,3	95,3	96,7	96,9
Andinos	95,3	94,0	91,9	94,2	95,4	95,3	95,0
Demais Países da América Latina	94,0	94,0	94,3	94,7	95,2	95,4	95,4
Leste Europeu/CEI	91,7	91,7	91,6	91,4	91,6	93,0	93,8
NICS Asiáticos	93,9	94,1	94,0	95,1	95,7	96,5	96,8
Emergentes Asiáticos	94,4	94,6	94,6	95,1	95,6	95,9	95,5
Resto do Mundo	92,4	92,7	91,7	92,6	93,5	93,9	94,6

Fonte: Chelem.

Mesmo excluindo-se os três setores de produtos básicos, verifica-se que a estrutura e a evolução da pauta setorial do comércio mundial de produtos industrializados também apresentam significativas distinções quando comparadas com a pauta das exportações brasileiras (Tabelas 2 e 4). Numa agregação arbitrária

dos setores,⁵ observa-se que a participação das indústrias intensivas em *capital e tecnologia* no comércio externo do Brasil apresenta-se de 20 a 25 pontos percentuais inferior à observada em termos de comércio mundial. Os setores intensivos em *trabalho*, de maneira geral, apresentam a mesma dinâmica em ambas as pautas ao longo dos anos, com a sua participação nas exportações brasileiras, no entanto, cerca de cinco pontos percentuais superiores à importância desses setores nas exportações e importações mundiais. Os setores mais intensivos em *recursos naturais*, por seu turno, que perdem continuamente em importância no comércio mundial ao longo do período analisado (de 23% em 1980 para 15,2% em 1996), mantêm em cerca de 40% sua participação na pauta das exportações brasileiras.

Tabela 4

Composição da Pauta do Comércio Mundial de Produtos Industrializados

(Em %)

	1980	Média 1980/84	1984	Média 1984/90	1990	Média 1990/96	1996
Mecânica	10,5	9,8	8,8	9,9	10,3	9,8	9,7
Eletroeletrônicos	12,0	13,4	15,2	17,0	18,0	20,8	22,8
Material de Transportes	14,3	15,3	15,8	16,3	16,1	16,1	15,8
Químicos	6,4	6,2	6,3	6,5	6,3	6,1	6,0
Petroquímicos	12,7	13,8	13,9	9,7	8,4	7,3	7,1
Farmacêuticos	2,4	2,4	2,4	2,5	2,6	3,0	3,2
Produtos Diversos	5,9	5,3	5,2	5,8	6,0	6,1	6,0
Capital e Tecnologia	58,3	60,9	62,4	61,9	61,7	63,1	64,6
Madeira e Mobiliário	2,4	2,3	2,2	2,4	2,6	2,5	2,5
Papel e Celulose	3,3	3,3	3,3	3,6	3,6	3,3	3,2
Têxteis	7,2	7,2	7,3	8,2	8,7	9,0	8,7
Trabalho	12,9	12,8	12,8	14,2	14,9	14,8	14,4
Minerais Não-Metálicos	1,7	1,6	1,5	1,6	1,6	1,5	1,5
Siderúrgicos	4,3	3,7	3,6	3,4	3,2	2,9	2,8
Metalurgia de Não-Ferrosos	6,9	5,9	5,3	4,8	4,5	4,0	3,7
Borracha	0,9	0,9	0,8	0,9	0,9	0,9	0,9
Alimentos	6,6	6,4	5,9	4,8	4,5	4,1	4,0
Abates e Carnes	2,6	2,6	2,4	2,6	2,6	2,5	2,3
Recursos Naturais	23,0	21,1	19,5	18,1	17,3	15,9	15,2
Total (Industrializados)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Índice de Concentração	0,671	0,731	0,779	0,783	0,801	0,874	0,931

Fonte: Chelem.

Adicionalmente, e ao contrário do que se verificou em relação às exportações brasileiras, o índice de concentração setorial da composição da pauta do comércio mundial de produtos industrializados apresenta contínuo movimento de crescimento ao longo do período, com o setor de *eletroeletrônicos* elevando sua participação de 12% em 1980 para 22,8% em 1996.

⁵ Para essa agregação, utilizou-se como referência a proposta de agrupamento de 49 setores industriais por intensidade de fator realizada por Moreira (1999).

Com relação às pautas de importação de produtos industrializados de cada um dos mercados selecionados, observa-se um crescente distanciamento entre essas estruturas e a pauta das exportações brasileiras para cada um desses destinos. Tanto os coeficientes de correlação como os coeficientes de correlação (por *rank*) de Spearman apresentam-se essencialmente declinantes, sugerindo uma crescente dicotomia entre a importância relativa que cada setor vem assumindo nas exportações brasileiras (para cada mercado) *vis-à-vis* a sua importância nas respectivas pautas das importações totais de produtos industrializados. Vale notar que as pautas de comércio (exportações brasileiras e importações da região) dos mercados latino-americanos apresentam coeficientes de correlação significativamente mais elevados do que os observados nas demais regiões (Tabela 5).

Tabela 5

Coefficientes de Correlação entre as Pautas das Exportação Brasileiras e as Pautas Regionais Totais de Importação de Produtos Industrializados — 16 Setores

(Em %)

	Coeficientes de Correlação			Coeficientes de Correlação de Spearman		
	Média			Média		
	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96
Comércio Mundial	0,583	0,464	0,385	0,782	0,588	0,524
Nafta	0,304	0,494	0,453	0,724	0,644	0,626
Europa Ocidental	0,204	0,299	0,201	0,400	0,347	0,306
Japão	0,454	0,087	-0,050	0,574	0,479	0,303
Argentina	0,855	0,811	0,802	0,753	0,850	0,759
Andinos	0,920	0,826	0,866	0,953	0,865	0,791
Demais Países da América Latina	0,899	0,935	0,850	0,774	0,744	0,682
Leste Europeu/CEI	0,481	0,372	0,162	0,603	0,544	0,571
NICS Asiáticos	0,147	0,004	0,000	0,597	0,388	0,282
Emergentes Asiáticos	0,375	0,152	0,027	0,759	0,741	0,556
Resto do Mundo	0,588	0,359	0,051	0,550	0,409	0,147

Fonte: Chelem.

As discrepâncias observadas na evolução das respectivas pautas de comércio (exportações brasileiras e mundiais) permitem identificar os setores nos quais revelam-se vantagens comparativas do produto brasileiro no mercado internacional.

Um indicador de vantagem comparativa revelada (VCR) comumente utilizado consiste na razão entre a participação relativa de um setor nas exportações totais de um país e a participação relativa desse setor no comércio mundial [ver, por exemplo, Balassa (1965), Fonseca e Velloso (1998) e Nonnemberg (1991)]. Para os 16 setores que compõem neste estudo o conjunto de produtos industrializados, observa-se que em seis deles (*siderúrgicos, papel e celulose, borracha, têxteis, alimentos e abates e carnes*) o Brasil deteve vantagem comparativa ($VCR > 1$) ao longo dos três subperíodos analisados (Tabela 6).

Tabela 6

VCR do Brasil no Comércio Mundial de Produtos Industrializados, por Setor

	1980	Média 1980/84	1984	Média 1984/90	1990	Média 1990/96	1996
Minerais Não-Metálicos	0,763	0,601	0,538	0,643	0,685	0,905	1,009
Siderúrgicos	1,628	2,371	3,208	4,069	4,878	4,623	4,460
Metalurgia de Não-Ferrosos	0,457	0,662	1,025	1,377	1,719	1,838	1,758
Mecânica	0,739	0,598	0,457	0,529	0,585	0,688	0,728
Eletroeletrônicos	0,590	0,495	0,401	0,372	0,298	0,275	0,257
Material de Transportes	1,038	0,888	0,638	0,827	0,794	0,900	0,895
Madeira e Mobiliário	1,051	0,901	0,862	0,923	0,969	1,267	1,374
Papel e Celulose	1,529	1,335	1,235	1,268	1,454	1,754	1,969
Borracha	1,099	1,039	1,394	1,459	1,541	1,852	1,867
Químicos	0,388	0,535	0,667	0,621	0,643	0,696	0,776
Petroquímicos	0,467	0,808	1,026	0,944	0,757	0,758	0,735
Farmacêuticos	0,645	0,513	0,455	0,483	0,427	0,476	0,549
Têxteis	1,456	1,510	1,655	1,368	1,357	1,177	1,072
Alimentos	3,469	2,860	2,639	2,644	2,666	2,622	3,354
Abates e Carnes	2,032	2,476	2,426	1,929	1,688	1,966	1,950
Produtos Diversos	0,318	0,314	0,324	0,336	0,419	0,412	0,428
Total (Industrializados)	0,643	0,684	0,728	0,745	0,751	0,784	0,781

Fonte: Chelem.

Nota: Razão entre a participação relativa de um setor nas exportações totais do Brasil e a participação relativa desse setor no comércio mundial.

A partir de 1984, o setor de *metalurgia de não-ferrosos* também passa a revelar existência de vantagem comparativa, o mesmo ocorrendo com o setor de *madeira e mobiliário* no último subperíodo (1990/96), totalizando a existência de VCR em oito dos 16 setores nesses anos.

Sem embargo, quando se considera a reagregação setorial arbitrária anteriormente utilizada, verifica-se que o Brasil apresentou VCR nas suas exportações justamente nos setores mais intensivos em *trabalho e recursos naturais*.

Em termos geográficos, ainda que menos evidente, é possível também registrar um movimento de redirecionamento e desconcentração dos mercados-destinos das exportações brasileiras, com perda relativa de importância do Nafta, após registrar forte expansão até meados da década passada, e do Leste Europeu/CEI (mormente, produtos básicos) ao longo do período, e crescimento de ênfase nos mercados latino-americano e asiático (Tabela 7).

Não obstante, enquanto a importância relativa concedida aos parceiros do Brasil na América Latina mostra-se bastante superior à participação deles nas importações mundiais, o mesmo ainda não se verifica com relação aos países asiáticos (NICS e emergentes), que, a despeito de todos os esforços do Brasil de inserção naqueles mercados, registram uma participação nas exportações brasileiras muito aquém da sua participação no comércio mundial. De forma semelhante, embora seja o principal mercado do Brasil, também a participação relativa do bloco dos países da Europa Ocidental nas exportações brasileiras

apresenta-se significativamente inferior à que ele desempenha nas importações mundiais.

Tabela 7

Composição Geográfica das Exportações Brasileiras e do Comércio Mundial
(Em %)

	Exportações Brasileiras			Importações da Região		
	Média			Média		
	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96
Mundo (Total da Pauta)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nafta	25,0	29,2	22,7	18,5	21,3	20,2
Europa Ocidental	30,1	30,8	29,4	42,1	45,5	44,6
Japão	6,6	7,2	7,4	4,4	5,0	5,6
Argentina	3,8	2,2	8,0	0,4	0,2	0,4
Andinos	5,5	4,5	5,6	1,5	0,9	1,0
Demais Países da América Latina	4,4	5,1	6,6	2,0	1,6	1,4
Leste Europeu/CEI	6,8	3,8	2,1	6,9	5,3	3,7
NICS Asiáticos	1,9	3,1	4,8	4,1	5,0	7,4
Emergentes Asiáticos	3,1	4,1	5,2	4,3	4,4	6,4
Resto do Mundo	12,7	10,1	8,3	15,7	10,6	9,3
Mundo (Produtos Básicos)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nafta	14,5	13,1	10,5	12,5	11,9	11,9
Europa Ocidental	48,3	52,9	52,1	48,7	51,0	52,2
Japão	10,9	11,0	11,2	9,3	9,1	8,8
Argentina	1,7	1,4	2,3	0,2	0,1	0,2
Andinos	0,9	1,1	0,8	1,1	0,8	0,9
Demais Países da América Latina	0,5	1,0	1,2	1,5	1,3	1,2
Leste Europeu/CEI	12,4	8,8	4,0	7,0	6,9	4,8
NICS Asiáticos	1,3	2,1	4,1	3,0	3,7	4,8
Emergentes Asiáticos	3,8	3,1	6,4	2,8	3,3	4,9
Resto do Mundo	5,8	5,6	7,6	14,0	11,8	10,4
Mundo (Produtos Industrializados)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Nafta	31,3	36,3	27,0	19,1	22,0	20,7
Europa Ocidental	19,3	21,1	21,4	41,5	45,2	44,1
Japão	4,0	5,5	6,0	4,0	4,7	5,4
Argentina	5,0	2,6	10,0	0,4	0,2	0,4
Andinos	8,2	5,9	7,3	1,5	0,9	1,0
Demais Países da América Latina	6,8	6,9	8,5	2,1	1,7	1,4
Leste Europeu/CEI	3,4	1,6	1,4	6,9	5,2	3,7
NICS Asiáticos	2,3	3,5	5,1	4,2	5,1	7,5
Emergentes Asiáticos	2,8	4,5	4,8	4,4	4,5	6,5
Resto do Mundo	16,9	12,1	8,6	15,8	10,5	9,2

Fonte: Chelem.

Quando se analisam as taxas médias e medianas (de 16 setores) de crescimento das exportações brasileiras (para) e importações totais de produtos industrializados de cada mercado (Tabela 8), observa-se que a única região em que o *market-share* do Brasil incrementou-se ao longo de todos os períodos foi a dos países andinos. Com relação aos demais mercados, a inserção do produto brasileiro deu-se de forma bem menos sistemática, em termos das suas importâncias e dinâmicas relativas, quando se analisam os fluxos em cada um dos subperíodos.

Tabela 8

Taxas de Crescimento Média e Mediana das Exportações Brasileiras e das Importações Regionais de Produtos Industrializados

(Em %)

	Exportações Brasileiras			Importações da Região		
	Média			Média		
	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96
Taxa de Crescimento Média						
Mundo	8,0	7,1	8,0	-0,4	12,6	8,0
Nafta	19,9	3,8	3,6	9,6	9,0	9,7
Europa Ocidental	4,0	15,6	2,0	-3,4	16,7	4,4
Japão	14,9	17,3	5,9	3,4	18,0	10,6
Argentina	-7,5	-2,2	35,3	-19,8	1,1	26,8
Andinos	-6,7	8,2	14,5	-13,1	5,9	13,8
Demais Países da América Latina	-10,7	13,3	19,6	-0,6	5,0	8,0
Leste Europeu/CEI	-1,5	-11,3	31,1	-3,1	3,8	10,0
NICS Asiáticos	19,8	24,3	5,1	3,9	19,7	14,4
Emergentes Asiáticos	35,4	6,7	10,8	4,2	12,2	18,3
Resto do Mundo	7,3	-3,4	5,2	-3,6	5,3	6,5
Taxa de Crescimento Mediana						
Mundo	3,9	9,3	10,4	-2,2	14,2	7,0
Nafta	15,7	5,6	6,4	7,9	10,1	8,1
Europa Ocidental	5,1	18,9	2,2	-4,7	18,2	3,5
Japão	3,8	15,9	9,8	3,4	22,6	8,2
Argentina	-11,8	-3,0	36,8	-26,5	1,0	28,7
Andinos	-5,3	7,1	16,7	-15,1	5,2	15,4
Demais Países da América Latina	-8,1	13,9	17,6	-3,4	6,3	6,9
Leste Europeu/CEI	-0,7	-0,4	14,4	-5,0	7,1	11,9
NICS Asiáticos	20,3	18,1	9,0	4,4	19,5	12,3
Emergentes Asiáticos	14,2	6,5	17,5	1,8	14,3	16,7
Resto do Mundo	11,0	2,7	3,8	-3,8	4,7	5,4

Fonte: Chelem.

Notas: Taxas de crescimento exponenciais, a partir dos dados logaritimizados. Taxa mediana para 16 setores de produtos industrializados.

Em sombreado, assinalam-se os mercados cujas exportações brasileiras para a região expandiram-se a taxas superiores às das exportações brasileiras totais, e os mercados cujas importações da região expandiram-se a taxas superiores às do comércio mundial de produtos industrializados.

Em negrito, assinalam-se os mercados cujas exportações brasileiras para a região expandiram-se a taxas superiores às das importações totais de produtos industrializados realizadas pela região.

De fato, entre 1980 e 1984, verifica-se que as vendas brasileiras privilegiaram, expandindo-se a ritmos superiores aos das exportações brasileiras totais, justamente os mercados — Nafta, Japão, NICS asiáticos e emergentes asiáticos — que se mostraram relativamente mais dinâmicos, ou seja, aqueles cujas importações totais de produtos industrializados realizadas por eles registraram taxas de crescimento superiores às do comércio mundial (e que, por isso, aumentaram sua participação e sua importância no comércio mundial).

Naqueles anos, somente nas exportações brasileiras para os demais países da América Latina observou-se taxa de crescimento inferior à taxa de crescimento das importações da região, reflexo do ajuste por que passavam vários dos países do continente latino-americano.

No período seguinte (1984/90), os mercados relativamente dinâmicos do comércio mundial de produtos industrializados foram a Europa Ocidental, o Japão e os NICS asiáticos. O Brasil logrou privilegiar esses mercados, aumentando as suas participações na composição geográfica das exportações, embora, dos três, apenas com relação aos NICS asiáticos tenha-se registrado taxas superiores às das importações da região. Também em outros dois mercados latino-americanos — andinos e demais países da América Latina —, para os quais as exportações brasileiras cresceram a taxas superiores às das exportações brasileiras totais e às das suas importações, observaram-se aumento da importância desses mercados na estrutura geográfica das exportações brasileiras e aumento do *market-share* do Brasil neles.

Nos anos seguintes, entre 1990 e 1996, as exportações brasileiras totais de produtos industrializados registraram taxa de crescimento média ligeiramente superior à do comércio mundial. Sem embargo, apenas nos três mercados latino-americanos e nos antigos países do “bloco soviético” as exportações brasileiras expandiram-se a taxas superiores às das importações totais de cada uma das regiões. Nos demais mercados, observou-se perda de *market-share* do Brasil. Além dessas quatro regiões, os países emergentes asiáticos também lograram aumentar sua participação na estrutura geográfica das exportações brasileiras de produtos industrializados no período.

Em resumo, entre 1980 e 1996, observou-se um substancial aumento da participação dos produtos industrializados na pauta das exportações totais brasileiras e, dentre estes, um efetivo processo de desconcentração, movimento, por seu turno, contrário ao verificado na evolução da estrutura setorial do comércio mundial. Observou-se ainda que ao longo dos anos aumentaram as discrepâncias entre a importância relativa que cada setor assumia na pauta das exportações do Brasil e das importações totais dos nossos respectivos mercados. Constatou-se, por outro lado, que, dos 16 setores de produtos industrializados analisados, o Brasil apresentou vantagem comparativa em cerca da metade, embora justamente naqueles intensivos em recursos naturais e trabalho, segundo uma agregação arbitrária desses setores. Em termos geográficos, observou-se, de maneira geral, uma crescente perda da capacidade de concentrar esforços e inserir-se nos mercados notadamente mais dinâmicos do comércio mundial.

Assim, apesar das expressivas taxas de crescimento, não se verificou, de maneira geral, um aumento do *market-share* brasileiro no mercado mundial. Em 1980, as exportações do Brasil (produtos básicos e industrializados) respondiam por 1,3% das importações mundiais (exclusive petróleo). Essa participação elevou-se para 1,7% em 1984, antes de se reduzir para 1,1% em 1990 e 1% em 1996, a despeito da aceleração observada ao longo do período (Tabela 9). Apesar do efetivo movimento de desconcentração setorial verificado na composição da pauta, com forte crescimento da participação dos produtos industrializados, verifica-se uma capacidade significativamente maior de inserção dos produtos básicos, ainda que declinante ao longo do período. Com relação aos setores que compõem o conjunto dos produtos industrializados, observa-se uma evolução bastante similar do *market-share* do Brasil no comércio mundial (eleva-se de 0,81% em 1980 para

1,21% em 1984, antes de se reduzir para 0,80% e 0,79% em 1990 e 1996, respectivamente).

Tabela 9

Market-Share das Exportações Brasileiras no Comércio Mundial

(Em %)

	1980	Média 1980/84	1984	Média 1984/90	1990	Média 1990/96	1996
Agropecuária	6,2	6,0	6,6	5,5	4,3	4,1	3,9
Extrativa Mineral	6,1	6,9	7,2	7,7	8,6	8,7	8,3
Oleaginosos	5,9	7,1	7,1	5,6	4,7	4,3	4,8
Básicos	6,1	6,5	6,9	6,0	5,4	5,1	5,1
Minerais Não-Metálicos	0,6	0,6	0,6	0,6	0,5	0,8	0,8
Siderúrgicos	1,3	2,3	3,9	4,0	3,9	3,9	3,5
Metalurgia de Não-Ferrosos	0,4	0,6	1,2	1,3	1,4	1,6	1,4
Mecânica	0,6	0,6	0,6	0,5	0,5	0,6	0,6
Eletroeletrônicos	0,5	0,5	0,5	0,4	0,2	0,2	0,2
Material de Transportes	0,8	0,9	0,8	0,8	0,6	0,8	0,7
Madeira e Mobiliário	0,9	0,9	1,0	0,9	0,8	1,1	1,1
Papel e Celulose	1,2	1,3	1,5	1,2	1,2	1,5	1,5
Borracha	0,9	1,0	1,7	1,4	1,2	1,6	1,5
Químicos	0,3	0,5	0,8	0,6	0,5	0,6	0,6
Petroquímicos	0,4	0,8	1,2	0,9	0,6	0,6	0,6
Farmacêuticos	0,5	0,5	0,5	0,5	0,3	0,4	0,4
Têxteis	1,2	1,5	2,0	1,3	1,1	1,0	0,8
Alimentos	2,8	2,8	3,2	2,6	2,1	2,2	2,6
Abates e Carnes	1,6	2,4	2,9	1,9	1,3	1,7	1,5
Produtos Diversos	0,3	0,3	0,4	0,3	0,3	0,3	0,3
Industrializados	0,8	1,0	1,2	1,0	0,8	0,8	0,8
Total	1,3	1,4	1,7	1,3	1,1	1,1	1,0

Fonte: Chelem.

Para uma melhor avaliação do desempenho das exportações brasileiras de produtos industrializados e da evolução da inserção dos nossos produtos nos respectivos mercados e subperíodos, realizam-se a seguir duas desagregações que permitem identificar alguns fatores relacionados a esses processos. A primeira desagregação utiliza a metodologia de análise do tipo *constant-market-share*,⁶ que consiste, na sua abordagem tradicional, na decomposição da taxa de crescimento das exportações⁷ de um país em quatro parcelas ou efeitos: comércio mundial, destino das exportações, composição da pauta e competitividade.

⁶ Para maiores considerações metodológicas sobre esse modelo, ver, por exemplo, Richardson (1971) e Leamer e Stern (1970). Para uma aplicação às exportações brasileiras, ver, por exemplo, Almeida (1993), Bonelli (1992 e 1994), Horta (1983), Horta, Waddington e Souza (1993), Souza (1995) e Gonçalves (1987).

⁷ Por questões de consistência aritmética, as taxas de crescimento calculadas para esse exercício (exportações brasileiras e mundiais) foram definidas como a inclinação da reta de regressão linear de cada fluxo (e não da curva de tendência exponencial, como anteriormente vinha sendo utilizado) no seu ponto médio em cada subperíodo. A rigor, essa diferença metodológica não altera qualitativamente os resultados.

Assim, seja m_{iJ} o *market-share* setorial (i) do Brasil em um determinado mercado (J), isto é, a participação das exportações brasileiras de produtos de um determinado setor para esse mercado nas importações setoriais realizadas por ele:

$$m_{iJ} = X_{iJ} / W_{iJ} \Rightarrow X_{iJ} = m_{iJ} * W_{iJ}$$

onde X_{iJ} são as exportações brasileiras de produtos do setor i para o mercado J e W_{iJ} são as importações totais realizadas por J de produtos do setor i .

Assim:

$$\Delta X_{iJ} = (m_{iJ}^0 * \Delta W_{iJ} + \Delta m_{iJ} * W_{iJ}^1)$$

No agregado:

$$\Delta X = \sum_i \sum_J [m_{iJ}^0 * \Delta W_{iJ}] + \sum_i \sum_J [\Delta m_{iJ} * W_{iJ}^1]$$

A primeira parcela identifica quanto do crescimento das exportações do Brasil (uma vez divididos os dois termos da igualdade pela média das exportações brasileiras de produtos industrializados no período) explica-se por variações nas respectivas importações setoriais de cada mercado (tivesse o país mantido constantes os seus *market-shares*), enquanto a segunda parcela reflete justamente a fração explicada por aumentos e reduções da inserção dos produtos brasileiros.

O primeiro termo pode ainda ser reescrito, chegando à seguinte formalização:

$$\Delta X = [m_{iW}^0 * \Delta W_{iW}] + [\sum_J [m_{iJ}^0 * \Delta W_{iJ}] - m_{iW}^0 * \Delta W_{iW}] + [\sum_i \sum_J [m_{iJ}^0 * \Delta W_{iJ}] - \sum_J [m_{iJ}^0 * \Delta W_{iJ}]] + [\sum_i \sum_J [\Delta m_{iJ} * W_{iJ}^1]]$$

Agora, a primeira parcela identifica o quanto teriam se expandido as exportações brasileiras de produtos industrializados se se mantivesse constante o *market-share* do Brasil no mundo (efeito *comércio mundial*). A segunda parcela reflete a contribuição para o crescimento das exportações devido ao fato de elas terem se destinado a mercados mais ou menos dinâmicos, isto é, cujas exportações expandiram-se a taxas mais ou menos elevadas do que as do comércio mundial (efeito *destino das exportações*). A terceira parcela relaciona-se com o fato de as exportações, em cada mercado, terem-se concentrado nos setores mais ou menos dinâmicos, ou seja, cujas importações expandiram-se a taxas mais ou menos intensas, relativamente à média de cada *região* (efeito *composição da pauta*). Finalmente, o quarto item (efeito *competitividade*) reflete conquistas efetivas de mercado, derivadas de incremento na qualidade dos produtos brasileiros, maiores esforços de comercialização, aumento da rentabilidade dos exportadores etc. Os resultados para cada um dos subperíodos encontram-se na Tabela 10.

Tabela 10

Fontes de Crescimento das Exportações de Produtos Industrializados — 1980/96

(Em %)

	Exportações Médias do Período			Taxa de Crescimento		
	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96
Efeito Comércio Mundial	-0,3	11,7	7,8	-3,4	170,0	103,0
Efeito Destino das Exportações	-0,1	-2,0	1,9	-1,0	-29,4	24,5
Efeito Composição da Pauta	-1,0	-0,6	-1,2	-12,3	-9,3	-15,7
Efeito Competitividade	9,4	-2,2	-0,9	116,8	-31,3	-11,8
Crescimento Total	8,0	6,9	7,6	100,0	100,0	100,0

Fonte: Chelem.

Entre 1980 e 1984, o crescimento das exportações brasileiras foi mais que totalmente explicado pelos eventos de ganho e de perda de fatias de mercado (efeito *competitividade*). A retração do comércio mundial no período, *per se*, contribuiu para reduzir em 3,4 pontos percentuais a taxa de crescimento média nesses anos.

Apesar dos esforços em privilegiar relativamente os mercados que se apresentaram como os mais dinâmicos no período, a elevada participação dos países latino-americanos — mercado cujas importações contraíram-se mais vigorosamente no início da década passada — na composição geográfica das exportações brasileiras de produtos industrializados acarretou um efeito *destino*, contribuindo também negativamente para a expansão das vendas externas do Brasil no período. O mesmo fenômeno se observa com respeito à composição setorial da pauta, com o exercício sugerindo que, em média, nossas exportações concentraram-se em indústrias cujas demandas por parte de nossos parceiros expandiam-se a taxas relativamente menos substanciais.

Não obstante, os expressivos eventos de ganhos de mercado verificados no período garantiram uma expansão positiva e significativa das exportações brasileiras, em uma época em que o comércio mundial de produtos industrializados mostrava-se notadamente desaquecido.

Na segunda metade da década passada (1984/90), observaram-se novamente efeitos *destino* e *composição da pauta* negativos. Tivessem as exportações brasileiras totais mantido constantes seus *market-shares* nos respectivos mercados, elas teriam se expandido 9,7%, ou dois pontos de porcentagem a menos que a taxa de crescimento do comércio mundial. Esse resultado sugere que mais uma vez a estrutura geográfica do comércio externo brasileiro de produtos industrializados concentrou-se em países e regiões relativamente pouco dinâmicos, se comparados ao crescimento médio do comércio mundial no período.

De forma semelhante, observa-se também uma contribuição negativa no que diz respeito à composição setorial da pauta para esses mercados — ou seja, tivesse

sido mantido o *market-share* do Brasil de cada setor nos respectivos países e regiões, observar-se-ia uma expansão das exportações da ordem de 9,1%, aquém portanto da taxa de crescimento do comércio mundial e da média do crescimento das importações totais dos nossos parceiros, se ponderadas pelas suas importâncias relativas na pauta.

Finalmente, além de apresentar composições geográficas e setoriais relativamente adversas, as exportações do Brasil no período perderam significativas fatias de mercado que, *per se*, reduziram em mais de dois pontos percentuais a taxa de crescimento média naqueles anos.

Nos anos 90, a elevada participação dos países latino-americanos e asiáticos — relativamente os mais dinâmicos do comércio mundial — no destino das exportações brasileiras contribuiu positivamente para a taxa de crescimento média observada no período. O resultado negativo no que diz respeito ao efeito composição da pauta sugere uma concentração setorial do comércio brasileiro ainda em indústrias relativamente pouco dinâmicas. Por fim, embora se tenha incrementado em 12 dos 16 setores, agregadamente, as variações ocorridas no *market-share* setorial do Brasil em cada mercado contribuíram também negativamente para a taxa média de crescimento do período.

Um outro exercício que contribui para identificar fatores relacionados ao desempenho recente das exportações brasileiras de produtos industrializados consiste na decomposição, em cada subperíodo, das respectivas taxas setoriais de crescimento nos seus efeitos produção doméstica e coeficiente das exportações [ver, por exemplo, Willmore (1989), Almeida (1993) e Barros *et alii* (1996)].

Assim, seja c_i o coeficiente de exportação (a razão entre as exportações e a produção doméstica, medidas em dólares) de um determinado setor i .

Formalmente:

$$c_i = (X_i / P_i) \Rightarrow X_i = c_i * P_i$$

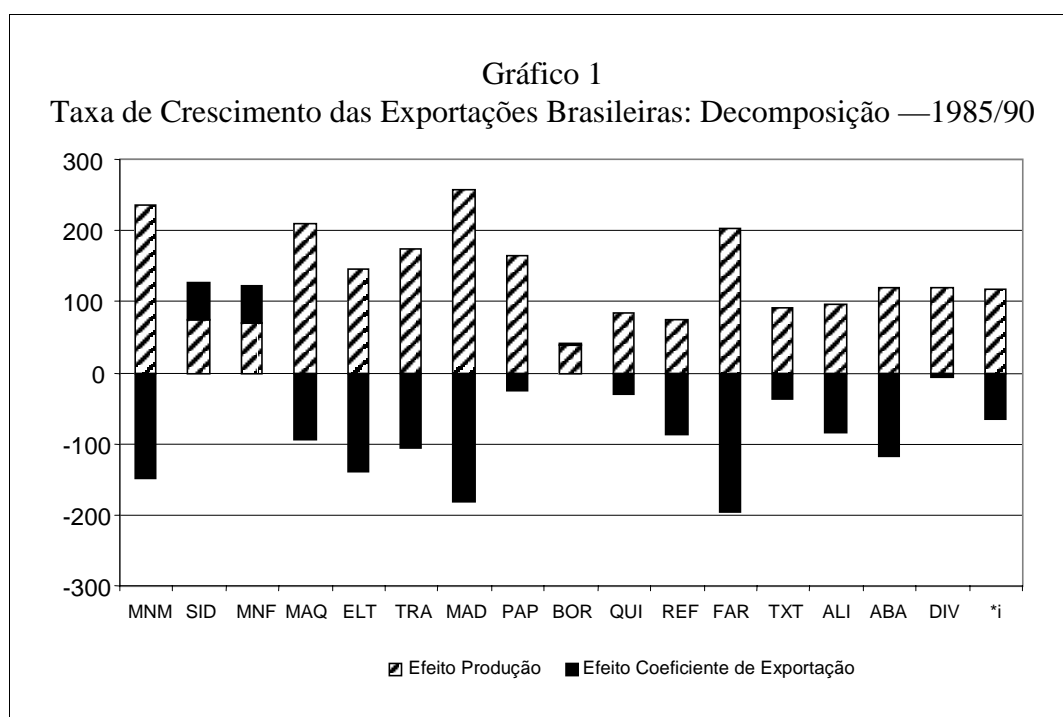
$$\Delta X_i = (c_i^0 * \Delta P_i) + (\Delta c_i * P_i^1)$$

Dividindo-se ambos os termos por X_i^0 , obtém-se a decomposição da taxa de crescimento das exportações setoriais em duas parcelas. A primeira reflete o quanto as exportações teriam se incrementado em decorrência da expansão da produção doméstica (isto é, mantida constante a fração da produção setorial destinada ao exterior). A segunda parcela identifica a contribuição das variações no coeficiente de exportação setorial, ou seja, quanto do seu crescimento pode ser atribuído a maior ou menor propensão (esforço) a exportar por parte daquela indústria.

Os dados da produção doméstica em dólar utilizados nesse exercício foram os de Haguenaer, Markwald e Pourchet (1998), que partem do censo industrial de

1985⁸ e encadeiam-se com os dados de produção física industrial (PIM-PF) do IBGE, índices de preços no atacado da FGV e taxa nominal de câmbio.

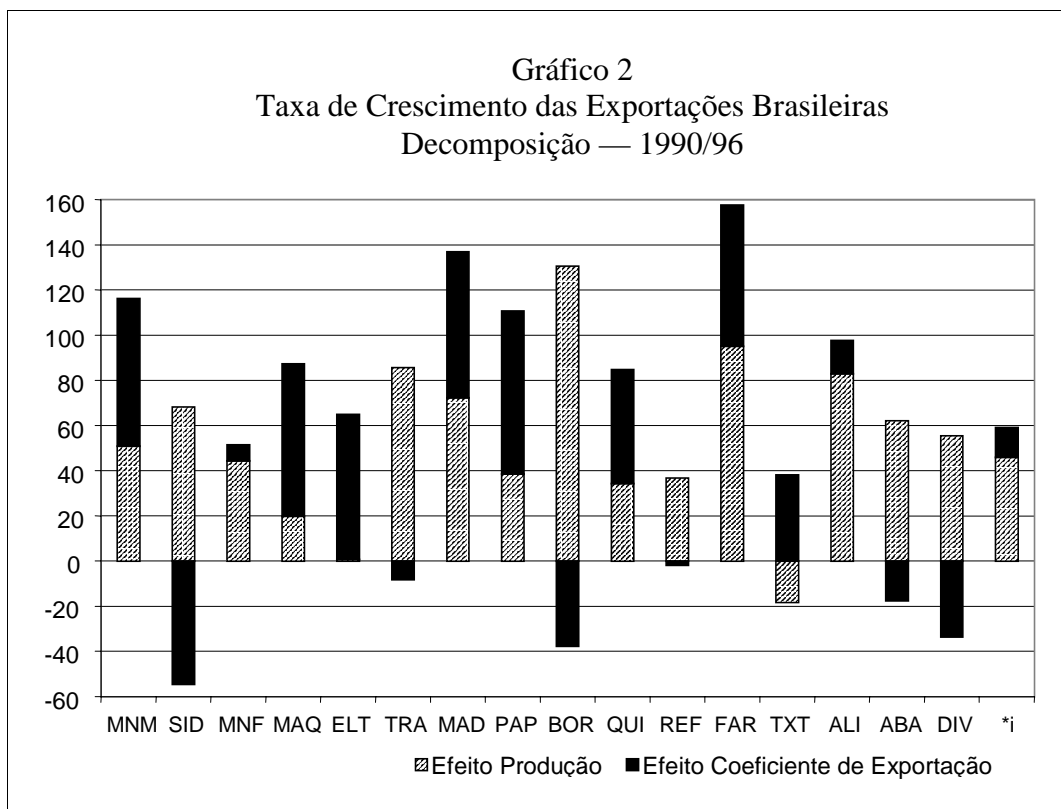
Entre 1985 e 1990, em apenas três setores — *borracha* (marginalmente), *siderurgia* e *metalurgia de não-ferrosos* — observou-se viés positivo às exportações (Gráfico 1), com o efeito coeficiente contribuindo positivamente para o incremento das vendas ao exterior. É interessante notar, conforme assinalado anteriormente, que, no subperíodo 1984/90, somente nas exportações brasileiras de produtos justamente das indústrias *siderúrgica* e *metalúrgica de não-ferrosos* observaram-se ganhos de *market-share* do país no comércio mundial.



No período seguinte (1990/96), em seis dos 16 setores verificou-se efeito coeficiente de exportação negativo e, portanto, viés antiexportador (Gráfico 2). Os dois setores em que a contribuição negativa foi relativamente mais intensa (*siderúrgicos* e *diversos*) registraram, como já visto, perda de *market-share* no mercado mundial. Nos demais setores — *transportes*, *borracha*, *petroquímicos* e *abates e carnes* —, a contribuição positiva do efeito produção foi muito superior à parcela negativa do efeito coeficiente.

Adicionalmente, outras duas indústrias — *eletroeletrônicos* e *têxteis* — não apresentaram no período crescimento da sua produção doméstica medida em dólares, implicando efeito produção igual a zero, ou inferior. Não surpreendentemente, nesses setores também não se registraram incrementos dos seus respectivos *market-shares* no mercado mundial.

⁸ Razão pela qual só se realizarão duas decomposições: 1985/90 e 1990/96.



3 - A INSERÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE PRODUTOS MANUFATURADOS NO COMÉRCIO MUNDIAL E POR BLOCOS DE PAÍSES

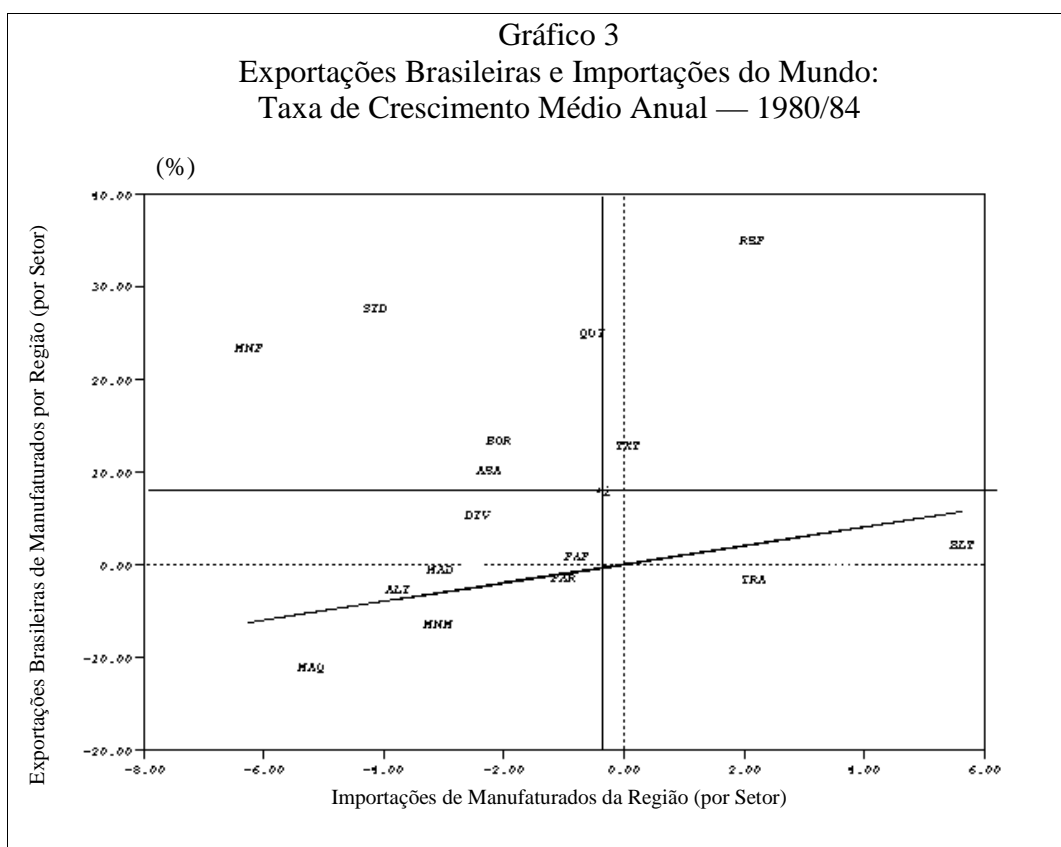
Esta seção tem como objetivo analisar a inserção das exportações brasileiras de produtos manufaturados no comércio mundial e por regiões, em termos de setores caracterizados como dinâmicos para os três períodos considerados.

A análise setorial do comércio brasileiro de produtos industrializados com o resto do mundo mais uma vez revela comportamento muito pouco sistemático no que se refere à inserção sustentada e contínua dos produtos do país. De fato, apenas uma indústria (*metalurgia de não-ferrosos*) logrou ampliar seu *market-share* nos três subperíodos analisados. Por outro lado, novamente em apenas uma indústria (*eletroeletrônicos*) observou-se redução do *market-share* na média de todos os períodos.

Entre 1980 e 1984, apenas em cinco (*minerais não-metálicos*, *mecânica*, *eletroeletrônicos*, *material de transportes* e *farmacêuticos*) dos 16 setores verificou-se perda de *market-share* das exportações brasileiras no comércio mundial (Gráfico 3).⁹ No subperíodo seguinte (1984/90), apenas em dois setores

⁹ A reta inclinada de 45 graus identifica os setores em que se observaram ganhos e perdas de *market-share* das exportações brasileiras ao longo de cada período. As retas horizontais e verticais identificam a taxa de crescimento do total das exportações brasileiras e do comércio mundial de produtos industrializados, caracterizando os setores relativamente mais dinâmicos em cada uma das respectivas pautas.

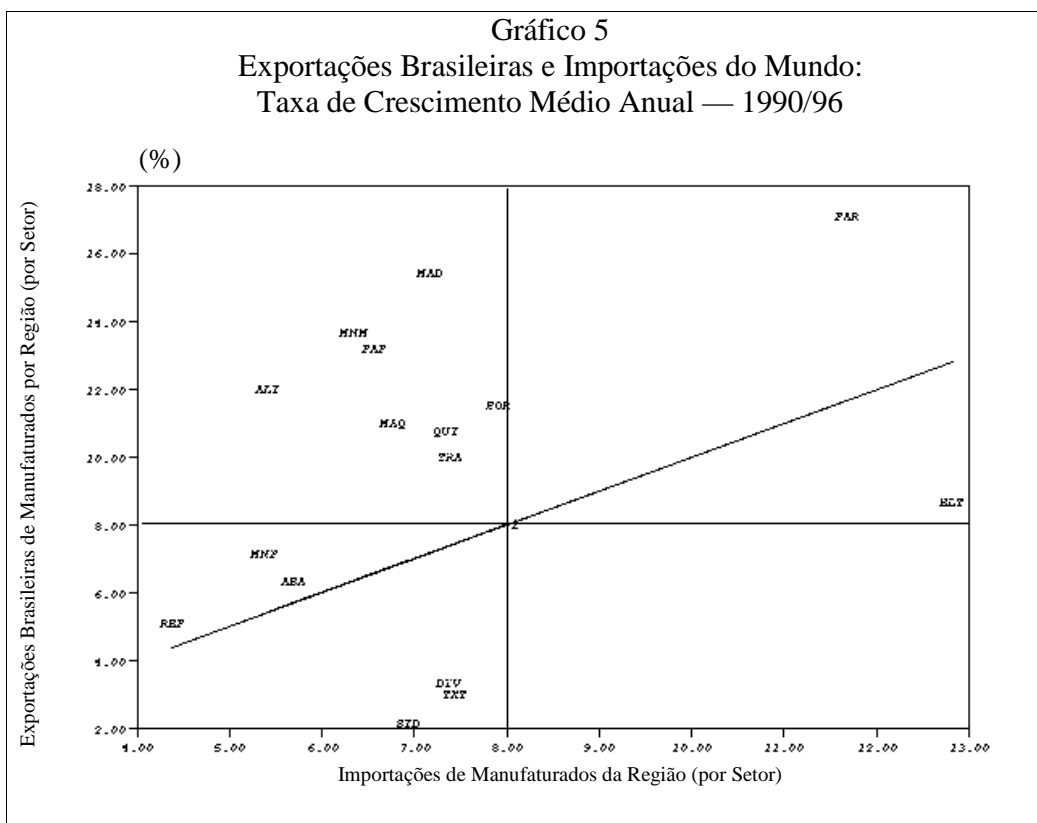
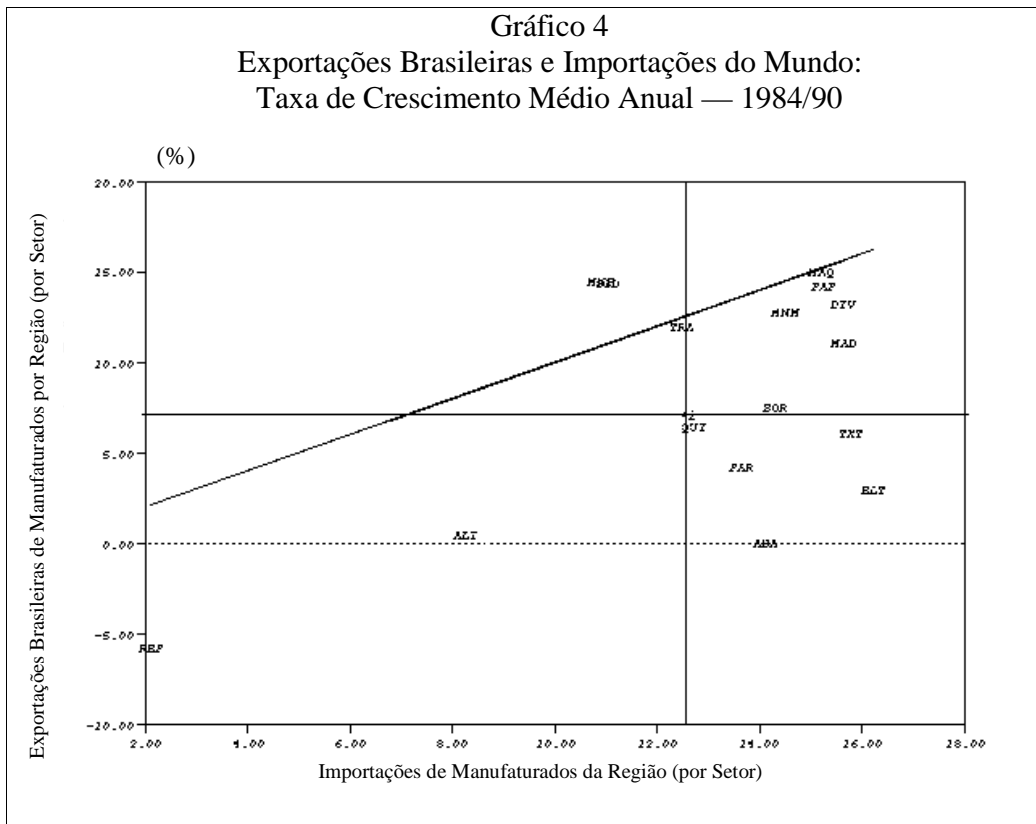
(*siderúrgicos e metalurgia de não-ferrosos*) houve ganhos de *market-share* (Gráfico 4). Por fim, entre 1990 e 1996, embora geograficamente a inserção brasileira tenha se mostrado, em uma primeira análise, pouco satisfatória (no agregado, ampliou-se a presença dos produtos brasileiros apenas nos mercados latino-americanos e “ex-soviéticos”), em termos setoriais 12 dos 16 setores registraram aumento do *market-share* no comércio mundial, e em apenas quatro (*siderúrgicos, eletroeletrônicos, têxteis e diversos*) houve redução ao longo dos anos (Gráfico 5).



Para contornar distorções decorrentes da diversidade do número de setores que se apresentam como dinâmicos em cada período — considerando “dinâmicos” os setores que apresentaram taxas de crescimento das importações acima da média —, dois critérios alternativos foram utilizados: os que cresceram acima da taxa mediana e os cinco setores que apresentaram as mais elevadas taxas de crescimento.

É interessante observar que os cinco setores que registraram as maiores taxas de crescimento das importações mundiais variam consideravelmente por período, com exceção de *eletroeletrônicos*, que foi o que mais cresceu nos três períodos, e *têxtil*, que também se manteve entre os cinco setores que mais cresceram em todos os períodos. *Material de transporte*, que apresentou a segunda maior taxa de crescimento em 1980/84, não se encontra entre os cinco que mais cresceram no período subsequente, enquanto o *farmacêutico*, apresentando a segunda maior taxa

de crescimento em 1990/96, não se encontra entre os cinco que mais cresceram em nenhum dos outros dois períodos anteriores.



Também quando a análise é feita por blocos de países, observa-se uma certa diversidade de setores que apresentaram maior dinamismo para um mesmo período. Em 1980/84, quando as importações do Nafta e da Europa Ocidental representavam mais de 60% das importações mundiais, os setores *madeira* e *borracha*, que não se encontravam entre os cinco mais dinâmicos para o mundo, estavam entre os cinco que mais cresceram no Nafta, o mesmo se observando para os setores *papel e celulose* e *farmacêutico* para a Europa Ocidental. Em 1990/96, os setores *madeira*, *químicos* e *siderúrgico*, que não se encontram entre os cinco mais dinâmicos no mundo, estão entre os cinco que mais cresceram no Nafta, o mesmo acontecendo para os setores *produtos alimentares* e *material de transporte* para a Europa Ocidental. Esses fenômenos mostram, portanto, que os setores mais dinâmicos variam no tempo e entre blocos de países, sugerindo uma estratégia de investir na conquista de mercados específicos, nos quais os setores em que o Brasil possui vantagens comparativas e tem elevada participação na pauta de exportação apresentem maior dinamismo.

3.1 - Mundo

No período 1980/84, como resultado do ajuste recessivo que se seguiu ao segundo choque do petróleo, em média, as importações mundiais de produtos manufaturados variaram a taxas negativas, enquanto as exportações brasileiras cresceram 8% a.a. Dos 16 setores considerados, o Brasil aumenta seu *market-share* em 11, que representavam, em média, 71,8% da pauta de exportações de manufaturados no período 1980/84, permitindo ao país elevar a sua participação no comércio mundial de produtos industrializados de 0,8% em 1980 para 1,2% em 1984.

Nesse período, os oito setores classificados como dinâmicos — *eletroeletrônicos*, *material de transporte*, *petroquímico*, *têxtil*, *químicos*, *papel e celulose*, *farmacêutico* e *borracha* — respondiam por 52% das exportações brasileiras de manufaturados. Considerando-se os cinco setores que mais cresceram e os cinco que menos cresceram, esses percentuais seriam de 45,5% e 37,8%, respectivamente. Assim, podemos dizer que a inserção das exportações brasileiras no comércio mundial, em termos de setores dinâmicos, pode ser considerada positiva no período 1980/84, pois não apenas 52% da pauta se concentravam em setores dinâmicos, como também o percentual da pauta concentrada nos cinco setores que mais cresceram é superior ao da pauta concentrada nos cinco setores menos dinâmicos.

Dos oito setores classificados como dinâmicos, em cinco o Brasil ganhou *market-share* (*papel e celulose*, *borracha*, *químicos*, *têxtil* e *petroquímicos*), que no período respondiam, em média, por 30,5% das exportações brasileiras. Dentre os cinco que mais cresceram, observou-se aumento de *market-share* em três, que representavam 26,2% da pauta brasileira. Dos setores pouco dinâmicos no período, o Brasil ganhou mercado em seis deles, que respondiam, em média, por 41,2% das exportações totais, valor que se reduz para 31% quando consideramos apenas os cinco setores que menos cresceram.

Observa-se portanto que, embora pelos dois critérios utilizados a participação de setores dinâmicos na pauta das exportações brasileira de manufaturados seja superior à dos setores que menos cresceram, na pauta dos setores de baixo dinamismo em que o Brasil apresentou ganhos de mercado a participação é sempre mais elevada do que a registrada para os setores mais dinâmicos.

Já quando consideramos os seis setores em que o Brasil possuía VCR, definidos como aqueles em que a participação na pauta de exportação do Brasil é superior à das importações mundiais (*siderúrgicos, papel e celulose, borracha, têxteis, alimentos e abates e carnes*), observa-se que estes respondiam por 49,6% das exportações brasileiras de produtos industrializados, com relação a uma participação de 24% nas importações mundiais no período. Adicionalmente, desses seis setores, apenas três (*papel e celulose, borracha e têxtil*) se encontram entre os oito que apresentaram as mais elevadas taxas de crescimento das importações mundiais e respondiam por 11,3% do comércio mundial.

No período, o Brasil obteve ganhos de *market-share* em todos os setores em que possuía VCR, que respondiam por 49,6% da pauta, com relação a uma participação de 26,1% dos outros cinco setores em que o Brasil também obteve ganhos de mercado, mas nos quais não possuía VCR. Já no período 1984/90, observa-se uma relação inversa à registrada em 1980/84, com as importações mundiais crescendo em média 12,6% a.a., enquanto as exportações brasileiras cresciam, em média, 7,1% a.a. Dos 16 setores considerados, o Brasil obtém ganhos de mercado em apenas dois, *siderurgia e metalurgia de não-ferrosos*, que respondiam por 20,5% das exportações de manufaturados no período, o que resultou em uma queda do *market-share* do Brasil no comércio mundial de produtos industrializados de 1,2% em 1984 para 0,8% em 1990.

Nesse período, os oito setores classificados como dinâmicos (*minerais não-metálicos, mecânica, eletroeletrônicos, madeira e mobiliário, papel e celulose, borracha, têxtil e produtos diversos*) respondiam por apenas 33,8% das exportações brasileiras de produtos industrializados, percentual que se reduz para 26,3% quando consideramos apenas os cinco setores que mais cresceram. Em contrapartida, a participação na pauta dos cinco setores que apresentaram as menores taxas de crescimento no comércio mundial alcança 55,9% no período.

Portanto, ao contrário do observado em 1980/84, pode-se dizer que a inserção das exportações brasileiras no comércio mundial na segunda metade da década de 80 pode ser considerada ruim, pois não apenas 66,2% da pauta brasileira estavam concentrados em setores de baixo dinamismo, como o percentual das exportações concentradas nos cinco setores que registraram as menores taxas de crescimento era mais do que o dobro do observado para os cinco setores de maior crescimento.

Cabe ressaltar que não apenas a pauta brasileira no período era muito concentrada em setores de baixo dinamismo, como os dois únicos setores em que o Brasil obteve ganhos de mercado estavam entre os cinco que apresentaram as menores taxas de crescimento no comércio internacional.

Quando consideramos os sete setores em que o Brasil possui VCR, que são os seis do período anterior mais *metalurgia de não-ferrosos*, estes respondiam por 28,2% do comércio mundial, valor superior ao do período anterior. Apenas três deles, *papel e papelão*, *borracha* e *têxtil*, porém, estavam entre os oito setores que apresentaram as mais elevadas taxas de crescimento e representavam 17,1% das exportações brasileiras com relação a 12,7% das importações mundiais.

Em contrapartida, 55,4% das exportações brasileiras estavam concentrados nos setores em que o país possuía VCR, e em apenas dois deles — justamente *siderurgia* e *metalurgia de não-ferrosos*, também relacionados entre os cinco que apresentaram as menores taxas de crescimento no comércio mundial no período — o Brasil registrou ganhos de *market-share*.

Nesse período, portanto, o desempenho das exportações brasileiras pode ser qualificado como bastante desfavorável, pois não apenas se observa uma elevada concentração da pauta em setores de baixo dinamismo, como também que o país não conseguiu ganhos de *market-share* em cinco dos sete setores em que possuía VCR e que respondiam por 34,9% da pauta, além de retornar no agregado ao mesmo *market-share* de 1980.

Chama ainda a atenção o péssimo desempenho do setor de *produtos alimentares*, em que, apesar de o Brasil ter VCR e ter apresentado a segunda menor taxa de crescimento das importações mundiais, a perda de mercado experimentada pelas exportações brasileiras é significativa (de 12,2% em 1984 para 8,6% em 1990).

Já no período 1990/96, as exportações brasileiras expandem-se em média à mesma taxa de crescimento das importações mundiais (8% a.a.). Apesar de, no agregado, o *market-share* brasileiro apresentar uma certa estabilidade, dos 16 setores analisados o Brasil ganha mercado em 12, que respondiam, em média, por 67,7% da pauta no período.

Em 1990/96, os oito setores classificados como dinâmicos (*eletroeletrônicos*, *material de transporte*, *madeira e mobiliário*, *borracha*, *químicos*, *farmacêuticos*, *têxtil* e *produtos diversos*) respondiam por 43,9% das exportações brasileiras de produtos industrializados para o mundo, percentual que se reduz para 33,9% quando se consideram apenas os cinco setores que registraram as mais elevadas taxas de crescimento. Considerando-se os cinco setores que registraram as menores taxas de crescimento, esse percentual é de 30%, inferior, portanto, ao valor observado para os cinco setores que mais cresceram.

Entre os oito setores que registraram as maiores taxas de crescimento no comércio internacional, o Brasil obteve ganhos de mercado em cinco, que respondiam, no entanto, por apenas 25,1% das exportações de produtos industrializados, enquanto, dos oito setores que menos cresceram, o país ganhou mercado em sete, que respondiam por 42,6% das exportações. Quando consideramos os oito setores em que o Brasil possuía VCR, que incluem os sete anteriores mais *madeira e mobiliário*, observa-se que estes representavam 58% da pauta de exportação brasileira, com relação a uma participação de 26,8% no comércio mundial. Desses

oito setores, apenas três (*madeira e mobiliário, borracha e têxtil*) se encontram entre os oito que registraram as maiores taxas de crescimento, respondendo por 15,4% das exportações no período.

Também com relação aos oito setores em que o Brasil possuía VCR, verifica-se que em seis deles, que respondiam por 43,6% da pauta, o país registrou ganhos de mercado — com exceção dos setores *siderúrgico* e *têxtil* —, sendo que os demais seis setores em que o país apresentou ganhos de *market-share* representavam 33,8% das exportações.

Portanto, embora os resultados sejam mais desfavoráveis do que os registrados em 1980/84, eles são significativamente melhores do que os do período anterior, pois embora 56,1% da pauta brasileira estivessem concentrados em setores de baixo dinamismo, o percentual concentrado nos cinco setores que mais cresceram é novamente superior ao concentrado nos cinco que apresentaram as menores taxas de crescimento.

É interessante observar ainda que o setor de *produtos alimentares*, que havia apresentado uma das piores *performances* no período 1984/90, é um dos cinco em que o Brasil registra os maiores ganhos de mercado. Por outro lado, o *siderúrgico*, que se encontra entre os dois únicos em que o Brasil apresentou ganhos de mercado no período 1984/90, é o setor que registra as maiores perdas de mercado em 1990/96.

Analisando-se o período como um todo, observa-se uma sensível deterioração na inserção das exportações brasileiras entre 1980/84 e 1984/90 no comércio mundial. Não apenas o Brasil perde todos os ganhos de *market-share* obtidos no primeiro período, como também tem suas exportações mais fortemente concentradas entre os setores menos dinâmicos: enquanto em 1980/84 apenas 48% da pauta brasileira estavam concentrados nos oito setores que menos cresceram, em 1984/90 esse percentual se eleva para 66,2%. Já no período 1990/94, apesar de o *market-share* brasileiro para o agregado ter se mantido mais ou menos constante, observam-se ganhos de mercado em 12 dos 16 setores analisados. Ao mesmo tempo, embora 56,1% das exportações estivessem concentrados nos oito setores que registraram as menores taxas de crescimento, o percentual da pauta concentrada nos cinco setores que mais cresceram voltou a situar-se em patamar superior ao concentrado nos cinco setores de mais baixo crescimento.

Um outro fenômeno que chama a atenção é o fato de os maiores ganhos de mercado se concentrarem nos setores de baixo dinamismo. Esse fenômeno pode ser explicado em grande parte pelo fato de os maiores ganhos de mercado se darem nos setores em que o Brasil possui VCR e que se encontram, de uma maneira geral, entre os de menor dinamismo do comércio mundial.

3.2 - O Desempenho das Exportações Brasileiras por Bloco de Países

Como podemos observar pela Tabela 11, no período 1980/84 o Brasil ganha nove dos 10 mercados considerados, sendo a exceção o bloco dos demais países da América Latina, nos quais o *market-share* brasileiro cai de 3,8% em 1980 para 2,9% em 1984.

Tabela 11

Market-Share das Exportações Brasileiras de Produtos Industrializados em Mercados Selecionados

(Em %)

	1980	Média 1980/84	1984	Média 1984/90	1990	Média 1990/96	1996
Mundo	0,81	0,98	1,21	0,98	0,80	0,84	0,79
Nafta	1,30	1,62	1,98	1,62	1,35	1,11	0,93
Europa Ocidental	0,38	0,46	0,52	0,46	0,44	0,41	0,37
Japão	0,86	0,99	1,27	1,15	1,07	0,94	0,83
Argentina	9,77	11,41	17,20	12,23	12,05	20,70	19,45
Andinos	4,26	5,48	6,51	6,43	5,61	6,15	6,00
Demais Países da América Latina	3,75	3,24	2,88	4,06	3,29	5,04	5,79
Leste Europeu/CEI	0,50	0,49	0,56	0,30	0,24	0,33	0,45
NICS Asiáticos	0,39	0,54	0,68	0,67	0,69	0,57	0,44
Emergentes Asiáticos	0,37	0,62	1,10	0,99	0,78	0,63	0,52
Resto do Mundo	0,88	1,05	1,34	1,13	0,80	0,79	0,77

Fonte: Chelem.

Desconsiderando-se a Argentina, os países do bloco andino e os do Leste Europeu — nos quais o Brasil registra expressivos ganhos de mercado, particularmente nos dois primeiros, não pelo dinamismo das exportações, mas porque a queda observada nas exportações para esses países foi significativamente inferior à contração das importações dessas regiões no período — os mercados em que as exportações brasileiras registram os melhores desempenhos são os emergentes asiáticos, os NICS asiáticos e os países do Nafta.

Nos dois primeiros, apesar do relativamente reduzido *market-share* do Brasil em 1980, este praticamente triplica nos emergentes asiáticos (taxa média anual de crescimento das exportações de 35,4%) e duplica nos NICS asiáticos (taxa média anual de crescimento de 19,8%). Também no caso do Nafta são expressivos os ganhos de mercado, tendo o *market-share* brasileiro se elevado no período de 1,3% para 2%, valores bem superiores à média observada no comércio mundial. Entre os mercados considerados, excluindo-se os quatro para os quais as taxas de crescimento das exportações brasileiras foram negativas, o pior desempenho é o observado nos países da Europa Ocidental, região para a qual se observa a menor taxa de crescimento das exportações, tendo o *market-share* do Brasil se elevado de 0,4% para apenas 0,5%.

Quando analisamos a participação na pauta brasileira das exportações dos oito setores que apresentaram as mais elevadas taxas de crescimento no comércio mundial, ou as menores quedas, observa-se que, dos 10 mercados analisados, em sete a participação das exportações dos setores dinâmicos na pauta do Brasil é

superior a 50%, sendo exceções os demais países (resto do mundo), os NICS asiáticos e os países andinos.

Considerando os cinco setores que registraram as maiores e as menores taxas de crescimento, observa-se também que em sete dos 10 mercados analisados a participação dos cinco que mais cresceram é superior à dos cinco que apresentaram as menores taxas de crescimento, sendo as exceções os NICS asiáticos, os demais países e o Nafta, o que demonstra que as exportações brasileiras tiveram boa inserção nos setores dinâmicos no período, na maior parte dos mercados considerados (Tabela 12).

Chama a atenção, no entanto, a não-existência de relação entre ganhos de mercado e a inserção das exportações em setores dinâmicos. Dos três mercados em que o Brasil apresentou os maiores ganhos de *market-share*, nos NICS asiáticos apenas 35,6% da pauta das exportações estavam concentrados nos setores dinâmicos e no Nafta, a participação na pauta dos cinco setores que registraram as menores taxas de crescimento era superior à dos cinco que mais cresceram. Por outro lado, embora 73% da pauta das exportações brasileiras para os países da Europa Ocidental estivessem concentrados em setores dinâmicos, verifica-se que, dentre os mercados em que as exportações brasileiras apresentaram um bom desempenho, as menores taxas de crescimento das exportações foram registradas justamente para os países da Europa Ocidental.

Também quando analisamos nos diferentes mercados a participação dos setores mais e menos dinâmicos em que o Brasil obteve ganhos de mercado, observa-se, de uma maneira geral, que os ganhos de mercado se deram nos setores pouco dinâmicos, sendo as exceções mais marcantes o Japão e os asiáticos emergentes, nos quais o setor *siderúrgico*, que apresentou um ótimo desempenho no período, está entre os cinco que apresentaram as mais elevadas taxas de crescimento das importações.

Por fim, considerando-se a participação na pauta dos seis setores nos quais o Brasil possui VCR, observa-se, de modo geral, uma forte concentração das exportações brasileiras nesses setores, com exceção dos países da América Latina e dos demais países. Dos 10 mercados considerados, em oito verifica-se uma nítida associação entre ganhos de *market-share* e VCR, sendo que no Nafta, na Argentina, nos países andinos e nos NICS asiáticos, praticamente se observam ganhos de mercado apenas nos setores em que o Brasil tem VCR.

Já no período 1984/90, ao contrário do observado anteriormente, o Brasil obteve ganhos em apenas um dos 10 mercados considerados, tendo o *market-share* nos demais países da América Latina se elevado de 2,9% para 3,3%. Nos NICS asiáticos, o *market-share* do Brasil se mantém constante no início e no fim do período.

Os mercados em que o Brasil registrou as maiores perdas foram os países do Nafta, em que a participação das exportações brasileiras caiu de 2% para 1,4%, nível muito próximo do observado no início da década, e a Argentina, onde o *market-share* do Brasil caiu de 17,2% para 12,1%, valor ainda significativamente superior ao registrado em 1980.

Tabela 12

Exportações Brasileiras de Produtos Industrializados

(Em %)

	Participação na Pauta dos Oito Setores (Mediana) cujas Importações da Região Expandiram-se a Taxas mais Elevadas			Participação na Pauta dos Cinco Setores cujas Importações da Região Expandiram-se a Taxas mais Elevadas			Participação na Pauta dos Cinco Setores cujas Importações da Região Expandiram-se a Taxas menos Elevadas			Participação na Pauta dos Setores em que se Observou VCR do Brasil no Comércio Mundial		
	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96
Mundo	52,0	33,8	43,9	45,5	26,3	33,9	37,9	55,9	30,0	49,6	55,4	58,0
Nafta	51,3	40,1	37,1	35,0	33,6	23,9	44,1	54,6	34,6	52,8	51,9	55,2
Europa Ocidental	73,0	37,0	51,1	23,2	26,6	32,0	12,3	36,9	27,3	62,4	62,3	67,6
Japão	66,8	40,4	27,6	45,5	2,8	15,8	31,1	29,7	60,0	56,1	81,1	84,8
Argentina	70,4	36,7	59,6	41,4	23,2	17,7	12,4	31,3	26,4	27,7	33,5	30,3
Andinos	42,2	48,0	41,4	26,9	37,0	10,5	9,1	15,8	32,1	23,8	28,9	32,9
Demais Países da América Latina	53,9	39,3	59,0	36,0	24,5	36,2	32,9	43,3	23,4	24,2	32,9	40,0
Leste Europeu/CEI	90,9	16,4	11,5	26,6	1,5	2,9	7,1	80,5	86,2	89,2	93,9	94,2
NICS Asiáticos	35,6	75,5	34,0	18,7	12,0	25,1	46,2	16,3	12,4	60,1	76,3	77,7
Emergentes Asiáticos	63,8	7,1	73,0	60,8	2,2	61,0	22,7	86,1	19,0	55,0	71,4	75,2
Resto do Mundo	32,3	36,8	30,5	21,8	16,9	18,6	25,2	29,2	44,7	46,4	55,5	67,7

(continua)

(continuação)

	Participação na Pauta dos Setores cujas Exportações Brasileiras Lograram Expandir o <i>Market-Share</i> em cada Mercado			Participação na Pauta dos Setores mais Dinâmicos, nos quais Observaram-se Ganhos de <i>Market-Share</i>			Participação na Pauta dos Setores menos Dinâmicos, nos quais Observaram-se Ganhos de <i>Market-Share</i>			Participação na Pauta dos Setores em que se Observaram VCR e Ganhos de <i>Market-Share</i>		
	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96	1980/84	1984/90	1990/96
Mundo	71,8	20,5	67,7	41,2	20,5	42,6	30,6	0,0	25,1	49,6	20,5	33,9
Nafta	87,3	29,2	20,7	43,2	23,9	6,2	44,1	5,3	14,5	52,8	9,3	19,5
Europa Ocidental	90,6	36,2	35,2	26,6	22,0	4,9	64,0	14,1	30,3	53,0	23,2	30,3
Japão	62,9	44,7	66,3	18,2	44,7	42,2	44,6	0,0	24,1	36,4	40,9	55,4
Argentina	84,8	47,9	97,5	14,3	35,4	40,4	70,4	12,5	57,1	26,2	15,6	27,8
Andinos	81,5	70,3	52,0	41,2	35,4	42,8	40,3	34,9	9,3	23,7	18,8	23,8
Demais Países da América Latina	15,1	83,5	100,0	5,7	57,1	41,0	9,4	26,4	59,0	4,7	23,3	40,0
Leste Europeu/CEI	33,6	8,9	87,3	7,2	8,4	85,1	26,3	0,6	2,2	24,8	8,7	82,3
NICS Asiáticos	99,6	75,4	26,0	64,4	15,3	6,9	35,1	60,2	19,0	60,0	58,7	23,0
Emergentes Asiáticos	67,4	66,0	24,6	16,5	62,2	10,7	50,8	3,7	13,8	39,2	56,9	13,8
Resto do Mundo	77,4	34,1	50,2	45,7	13,1	47,8	31,7	21,0	2,4	31,0	24,6	33,5

Fonte: Chelem.

Quando analisamos a participação na pauta das exportações brasileiras de produtos industrializados dos oito setores que apresentaram as mais elevadas taxas de crescimento, observa-se que esta é superior a 50% apenas nos NICS asiáticos (75,5%). Nos demais mercados, é inferior a 50%, sendo que, entre esses, a melhor inserção das exportações brasileiras se dá nos países andinos (48%) e a pior, nos emergentes asiáticos (7,1%).

Considerando-se apenas os cinco setores que registraram as maiores e as menores taxas de crescimento, observa-se que apenas nos países andinos a participação das exportações brasileiras nos cinco que apresentaram as maiores taxas de crescimento das importações é superior à participação dos cinco que menos cresceram. Nos demais mercados, inclusive nos NICS asiáticos, a participação dos cinco setores que mais cresceram é inferior à dos cinco que registraram as menores taxas de crescimento das importações. Nesse caso, os piores desempenhos se dão nos países do leste europeu, nos emergentes asiáticos e no Japão, onde as participações dos cinco setores que registraram as mais elevadas taxas de crescimento das importações são, respectivamente, de 1,5%, 2,2% e 2,8%.

Constata-se assim que, por qualquer dos critérios utilizados, ao contrário do observado no período anterior, a inserção das exportações brasileiras nesse período se deu em setores de baixo dinamismo, em quase todos os mercados considerados.

Quando separamos, nos diferentes mercados, a participação dos setores em que o Brasil obteve ganhos de *market-share* em dinâmicos e não-dinâmicos, ao contrário do observado no período anterior, não se pode identificar um padrão muito nítido. Em quatro dos 10 mercados considerados — Japão, demais países da América Latina, leste europeu e NICS asiáticos —, a participação dos setores dinâmicos nos quais o país obteve ganhos de mercado é superior à dos não-dinâmicos. Por outro lado, chama a atenção a baixa participação na pauta dos setores dinâmicos em que o Brasil obteve ganhos de mercado nos países do Nafta e da Europa Ocidental.

Por fim, quando consideramos os sete setores em que o Brasil possuía VCR no período, volta-se a observar uma forte concentração da pauta das exportações de produtos industrializados nesses setores, em sete dos 10 mercados considerados, sendo as exceções os demais países da América Latina e os do Nafta, ao contrário do observado no período anterior, quando praticamente todos os setores em que se obtiveram ganhos de mercado no bloco eram aqueles nos quais o Brasil detinha VCR no comércio mundial.

Já no período 1990/96, observa-se uma situação intermediária, em relação à observada nos dois primeiros períodos: dos 10 mercados considerados, o Brasil registra ganhos em quatro deles, e em dois o *market-share* se mantém inalterado. Alguns fatos merecem ser destacados. Em primeiro lugar, dos quatro mercados em que o país apresentou ganhos, três estão na América Latina, chamando a atenção a significativa alta do *market-share* do Brasil na Argentina, que se eleva de 12,1%

em 1990 para 19,5% em 1996. Por outro lado, destaca-se ainda a significativa queda do *market-share* brasileiro nos países do Nafta, que desce a um nível bastante inferior ao observado em 1980.

Quando analisamos a participação na pauta dos oito setores que apresentaram as mais elevadas taxas de crescimento, observa-se uma baixa concentração da pauta das exportações brasileiras de produtos industrializados em setores dinâmicos: dos 10 mercados analisados, em apenas quatro a participação na pauta dos setores dinâmicos era superior a 50%, sendo dois deles na América Latina. Considerando-se apenas os cinco setores que apresentaram as maiores e as menores taxas de crescimento, observa-se que em sete dos 10 mercados analisados a participação das exportações concentrada nos setores que menos cresceram é mais elevada, sendo exceções a Europa Ocidental, os NICS e os emergentes asiáticos. Constatase assim, mais uma vez, a ausência de relação entre ganhos de mercado e concentração da pauta em setores dinâmicos, pois em nenhum desses mercados o Brasil obteve ganhos.

Analisando-se a participação na pauta dos setores dinâmicos e pouco dinâmicos em que o Brasil obteve ganhos de mercado, observa-se também uma elevada participação nos setores pouco dinâmicos: dos 10 mercados considerados, em sete verifica-se uma elevada participação em setores pouco dinâmicos, sendo as exceções o Japão, os países do leste europeu e os países asiáticos emergentes.

Finalmente, considerando-se a participação na pauta dos setores em que o Brasil possui VCR, observa-se uma forte concentração da pauta nesses setores em quase todos os mercados. Merece destaque o fato de que isso se dá exatamente nos países da América Latina — onde a participação na pauta de setores em que o Brasil não possui VCR é mais elevada, alcançando 69,7% na Argentina e 60% nos demais países da América Latina —, o que sugere a existência de um padrão de intercâmbio muito diferente entre o Brasil e os países da América Latina, e entre o Brasil e o resto do mundo.

4 - CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi avaliar o desempenho das exportações setoriais brasileiras nos últimos anos, tendo por referência a sua (falta de) capacidade de identificar e orientar-se em direção a nichos de mercado do comércio mundial que, em determinados momentos e períodos, mostraram-se relativamente mais aquecidos.

Ao longo do período analisado, apesar das expressivas taxas médias de crescimento das exportações registradas, não se verificou, de maneira geral, um aumento do *market-share* brasileiro no mercado mundial. Em 1980, as exportações do Brasil (produtos básicos e industrializados) respondiam por 1,3% das importações mundiais (exclusive petróleo). Essa participação elevou-se para 1,7% em 1984, antes de se reduzir para 1,1% em 1990 e 1% em 1996.

Em resumo, entre 1980 e 1996, observou-se um substancial aumento da participação dos produtos industrializados na pauta das exportações totais brasileiras e, dentre estes, um efetivo processo de desconcentração, movimento, por seu turno, contrário ao verificado na evolução da estrutura setorial do comércio mundial. Observou-se ainda que ao longo dos anos aumentaram as discrepâncias entre a importância relativa que cada setor assumia na pauta das exportações do Brasil e das importações totais dos nossos respectivos mercados. Constatou-se, por outro lado, que, dos 16 setores de produtos industrializados analisados, o Brasil apresentou VCR em cerca da metade, embora justamente naqueles intensivos em recursos naturais e trabalho, segundo uma agregação arbitrária desses setores. Em termos geográficos, observou-se, de maneira geral, uma crescente perda da capacidade de concentrar esforços e inserir-se nos mercados notadamente mais dinâmicos do comércio mundial.

O bom desempenho das nossas exportações, na primeira metade dos anos 80, deu-se a despeito de um ambiente, de maneira geral, bastante desaquecido do comércio mundial e de uma composição — tanto da pauta de produtos como dos mercados-destinos — relativamente desfavorável, isto é, concentrada nos setores e mercados menos dinâmicos.

No período seguinte (1984/90), verificou-se que o desempenho comercial do Brasil foi apenas parcialmente estimulado pelo surto de reaquecimento do comércio mundial, com os efeitos destino, composição da pauta e, também, competitividade contribuindo negativamente para a expansão das exportações. Já nos anos mais recentes, as vendas externas de produtos industrializados do país lograram acompanhar o ritmo de expansão do comércio mundial, e até destinaram-se aos mercados relativamente mais dinâmicos, embora novamente tenham-se concentrado em produtos e setores cuja demanda expandiu-se mais lentamente e tenham apresentado pouca capacidade de auferir ganhos efetivos de fatia de mercado.

Observou-se ainda que o fraco desempenho das exportações, na segunda metade dos anos 80, manteve estreita relação com um forte viés antiexportador com que operava o setor industrial no período, e que foi, de certa forma, atenuado a partir do início da década de 90.

Analisando mais detalhadamente o desempenho das exportações brasileiras por setor e mercado, verificamos, em primeiro lugar, que os setores mais dinâmicos do comércio mundial variam não apenas no tempo mas também entre blocos de países, sugerindo uma estratégia de investir na conquista de mercados específicos, nos quais os setores em que o Brasil possua vantagens comparativas e tenham elevada participação na pauta apresentem maior dinamismo.

Não obstante, ao longo das últimas décadas, os maiores ganhos de mercado registrados pelo Brasil concentraram-se em setores efetivamente de baixo dinamismo. Esse fenômeno pode ser explicado, em grande parte, pelo fato de os maiores ganhos de mercado terem, realmente, se dado nos setores em que o Brasil possui VCR e que se encontram, de uma maneira geral, entre os de mais baixo

dinamismo do comércio mundial. Apontou-se como exceção a essa regra o desempenho das exportações brasileiras no mercado latino-americano nos anos 90, sugerindo a existência de um padrão de intercâmbio diferenciado nas transações do país com a região, quando comparado com o das transações com o resto do mundo.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, G. B. de. Indicadores de competitividade para a indústria brasileira no período 1974/91. *Perspectivas da Economia Brasileira — 1994*. Rio de Janeiro: IPEA, v. 1, p. 359-396, 1993.
- BALASSA, B. *Trade liberalization and 'revealed' comparative advantage*. Manchester School, May 1965.
- BARROS, R., CRUZ, L., FOGUEL, M., MENDONÇA, R. *O impacto da abertura comercial sobre o mercado de trabalho brasileiro*. IPEA, jun. 1996 (Série Seminários, 03/96).
- BONELLI, R. (consultor). *Indicadores de competitividade internacional da indústria brasileira*. Rio de Janeiro: BNDES, out. 1992 (Série Estudos, 21).
- . Productividad, crecimiento y exportaciones industriales de Brasil. *Revista de la Cepal*, Santiago de Chile, n. 52, p. 71-89, abr. 1994.
- FONSECA, R., VELLOSO, E. *Desempenho exportador da indústria brasileira e elementos para a formação de uma estratégia exportadora*. Confederação Nacional da Indústria, maio 1998, mimeo.
- GONÇALVES, R. Competitividade internacional, vantagem comparativa e empresas multinacionais: o caso das exportações de manufaturados. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 411-436, ago. 1987.
- HAGUENAUER, L., MARKWALD, R., POURCHET, H. *Estimativa do valor da produção industrial e elaboração de coeficientes de exportação e importação da indústria brasileira (1985-96)*. IPEA, jul. 1998 (Texto para Discussão, 563).
- HORTA, M. H. T. T. Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 70. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, ago. 1983.
- HORTA, M. H., WADDINGTON, S., SOUZA, C. F. Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 80. *Perspectivas da Economia Brasileira — 1994*. Rio de Janeiro: IPEA, v. 1, p. 231-246, 1993.
- LEAMER, E., STERN, R. *Quantitative international economics*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1970.
- MOREIRA, M. M. *A indústria brasileira nos anos 90. O que já se pode dizer?* Rio de Janeiro, jul. 1999, mimeo.
- NONNEMBERG, M. *Vantagens comparativas reveladas, custo relativo de fatores e intensidade de recursos naturais: resultados para o Brasil — 1980/88*. Rio de Janeiro: IPEA, abr. 1991 (Texto para Discussão, 214).
- RICHARDSON, J. D. Constant-market-shares analysis of export growth. *Journal of International Economics*, v. 1, n. 2, May 1971.

SOUZA, C. F. B. *Indicadores setoriais de competitividade das exportações brasileiras para a América Latina; fatores relacionados à oferta*. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1995 (Dissertação de Mestrado).

WILLMORE, L. La promoción de exportaciones y la substitución de importaciones en la industria centroamericana. *Revista de la Cepal*, Santiago de Chile, n. 38, ago. 1989.